



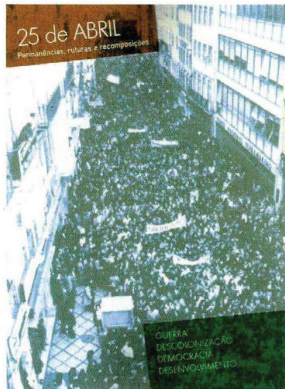
ID: 110822034

23-04-2024



Voz Portucalense no espírito e forma da democracia

Por M. Correia Fernandes



Teve lugar na igreja dos Clérigos, no Porto, uma sessão de apresentação da obra “25 de abril: permanências, ruturas e recomposições”, publicada pela Agência Ecclesia, com a coordenação científica do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.



Manuel Fernando acolhe a apresentação

A obra surgiu a partir do trabalho desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação do Centro de Estudos de História Religiosa, dedicado ao processo de transição democrática em Portugal, especialmente nos décadas de 1960-70 do século XX, especialmente na criação e desenvolvimento da consciência política, social e cultural, sob as múltiplas influências europeias e internacionais que conduziram ao processo depois dedignado, como assinala o título da obra, na descolonização, democracia e desenvolvimento da política e da sociedade portuguesa.

É óbvio que este processo, que se foi acentuando naqueles anos, está composto por muitas vertentes na sua ação e desenvolvimento. Essas múltiplas vertentes encontram-se analisadas ao longo de quase centena e meia de páginas, que lembram o “Conflito de paradigmas sobre o país e a religião”, “o esgotamento de um paradigma

de uma nação pluricontinental”, a “reivindicação da participação cidadã e o lento despertar dos católicos para a causa democrática” e o anseio da mais escolaridade, trabalho, habitação e justiça social.

Bem vistas as coisas e analisado todo o desenvolvimento que desde aí resultou, verifica-se que se a descolonização se realizou, e se acabou a guerra, pelo menos a institucionalmente assumida, continuamos a procurar pôr em prática e aperfeiçoar os processos democráticos, nos quais, se se respeitam os aspectos formais, muitas vezes se esquecem as dimensões de ética social, de respeito mútuo, de verdadeiros projetos humanizados e de relacionamentos fraternos nos processos de ação política habitualmente conduzidos. Mas sobretudo continuam os dramas do desenvolvimento, da justiça social, da valorização escolar, do equilíbrio da saúde, do relacionamento e eficácia das instituições, da valorização profissional e salarial dos cidadãos, do equilíbrio de um desenvolvimento regional na busca do desenvolvimento e da promoção social das regiões do interior e na valorização dos movimentos sociais nos campos da subsidiariedade.



Virgílio Borges Pereira apresenta o livro



Luís Leal

Um livro polissémico

A construção de todos os ideais e práticas que conduziram à



Germano Silva recorda Voz Portucalense

democratização teve muitas vertentes e componentes na sua edificação. A apresentação do livro esteve a cargo do Presidente da Irmandade dos Clérigos, P. Manuel Fernando, de Paulo Rocha, da Agência Ecclesia, dos representantes do Centro de Estudos da História Religiosa, Luís Leal e Virgílio Borges Pereira, e do jornalista Germano Silva, com encerramento do Bispo Auxiliar do Porto, D. Joaquim Dionísio, membro da Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais.

Feita uma análise desenvolvida do percurso temático principais dos artigos que integram o volume, apresentado e comentado por Virgílio Borges Pereira, seja-nos permitido assinalar a memória trazida por Germano Silva, que recordou a sua experiência em relação ao mundo da censura, e concretamente no caso da Voz Portucalense, lembrando o trabalho do então chefe da redação, Rui Osório, e as dificuldades com que tantas vezes se debateu pela obrigação de disponibilizar à censura as “provas de página”, que por vezes eram proibidas de publicar, sendo necessário recorrer a trabalhos antes preparados para substituir os cortados. Existem nos arquivos muitas dessas provas com a proibição do “lápiz azul”. Numa das páginas do livro se encontra referência a um colóquio orientado por Serafim Ferreira e Silva (atual Bispo emérito de Leiria Fátima) e Francisco Sá Carneiro, que lembrava o exercício da liberdade religiosa na dependência do ministro do interior, propondo que a liberdade religiosa fosse considerada nas suas implicações e consequências.

Lembra-se que por esses aos de 1970 se preparava a constituição na Assembleia Nacional do chamado grupo da “Ala Liberal” (com deputados como Sá Carneiro, Pinto Balsemão, Miller Guerra e Joaquim Pinto Machado), que preparavam proposta sobre

liberdade de imprensa, que nunca chegou a ser aprovada.

Estas referências levaram-nos a percorrer algumas páginas da Voz Portucalense no início desse ano de 1974. Podemos verificar a presença tanto de temas religiosos de vanguarda então discutidos, como de temas sociais cujo debate era particularmente oportuno. Falava-se de “realidades e problemas do Baixo Douro” ou do respeito e carinho pelas crianças; em 20 de abril de 1974 falava-se da situação da mulher operária. Antes tinha-se falado sobre “Emigração e promoção”, de sociedade moderna e população. Lembrava-se que “dois terços dos homens têm fome!” e dos problemas da ETA e do país Basco em Espanha. E abria-se um olhar sobre a “Europa 74”, dava-se importância aos problemas do ensino e à valorização pedagógica – hoje fala-se mais de temas administrativos e profissionais, a pedagogia anda muito esquecida...



D. Joaquim encerra a sessão

Estudava-se o problema dos doentes inválidos no mundo atual e da Defesa do Consumidor. Falava-se dos Partidos que atuavam nos países europeus (coisa que não existia em Portugal).

Daqui, que deduzimos? Que a Voz Portucalense desempenhou um papel importante na consciencialização tando eclesial (por exemplo em artigos temáticos sobre o Opus Dei e sobre o sentido da confissão ou dos tempos de Quaresma), mas ao mesmo tempo estava atenta aos problemas sociais e humanos que configuravam o nosso tecido social. Daqui podemos também deduzir que a compreensão de que o sentido e a vivência cristã da vida humana passa também pelos seus dramas sociais.

Este é o sentido de um humanismo que queremos continuar a desenvolver.